

# Entrevista com o General Juraszek



**N**atural da cidade de Mafra, em Santa Catarina, exerce atualmente a função de comandante do Comando de Operações Terrestres (COTTER), sediado em Brasília.

Sua carreira militar iniciou, em 1954, quando ingressou na Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA). Foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 1959.

Além dos cursos de formação e aperfeiçoamento, concluiu, também, o curso de Manutenção de Automóveis, na Escola de Material Bélico e o curso de Altos Estudos Militares na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

Como oficial superior, foi comandante do Curso Básico da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), oficial de gabinete da Presidên-

cia da República, oficial de gabinete do Ministro do Exército, subchefe da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai, além de comandante do 63ª Batalhão de Infantaria, Florianópolis.

Comandou, ainda, como oficial general, a 5ª Brigada de Infantaria Blindada, a 5ª Região Militar/5ª Divisão de Exército e o Comando Militar do Nordeste. Chefiou também o Centro de Inteligência do Exército e o Gabinete do Ministro do Exército.

O General Juraszek, pela sua vocação cultural, confirmada através do apoio e execução de vários projetos culturais, alguns já efetivados, outros em andamento, como também, na qualidade de pesquisador, onde destacamos o trabalho sobre a vida do cancionista Luiz Gonzaga, nos dá o privilégio de tê-lo como personagem desta entrevista, na qual o caríssimo leitor terá oportunidade de tomar conhecimento de algumas de suas experiências na área da cultura.

***Quando no Comando da 5ª Região Militar, visando a preservar a memória do Exército, V. Exa. empenhou-se em vários projetos culturais. Poderia nos apresentar um relato sucinto desse trabalho?***

O Exército Brasileiro vem, já há algum tempo, buscando preservar sua rica memória, pois, desde o surgimento nos Montes Guararapes, participou dos momentos mais importantes de nossa história. Assim, ao assumir o Comando da 5ª RM/5ª

DE, “Região Heróis da Lapa”, procurei resgatar fatos marcantes da trajetória da Força Terrestre nos estados de Paraná e Santa Catarina.

O próprio Comando da Região, que foi criado em 1891, com a denominação de 5ª Distrito Militar, estivera sediado em cinco locais diferentes na capital paranaense, antes de ocupar o atual quartel do Pinheirinho. Ao descobrir que aqueles históricos prédios e casarões ainda existiam, conseguimos, junto com a Prefeitura de Curitiba e atuais proprietários, marcar com placas a passagem do QG da 5ª RM/5ª DE por aqueles locais.

Ainda naquele Grande Comando, foram expostas de forma permanente duas galerias fotográficas que retratam importantes momentos da história do Exército na Guarnição de Curitiba e da Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial. Da mesma forma, especial atenção foi dada à Galeria de Ex-Comandantes que, por estar incompleta na ocasião, foi alvo de intensas pesquisas, visando a identificar seus primeiros comandantes, bem como os períodos de comando, o que foi feito com sucesso.

Em parceria com o Governo do Estado do Paraná, foi possível restaurar os canhões do Forte de Paranaguá e da Fortaleza Nossa Senhora dos Prazeres, construída pelos portugueses em 1767, ambos localizados no Morro da Baleia, na Ilha do Mel, litoral paranaense. Essas históricas construções estiveram sob a guarda do Exército até 1982.

Em 29 de outubro de 1999 foi inaugurado, com a presença de autoridades civis e militares, o Museu do Forte Marechal Luz, localizado no Morro do João Dias, em São Francisco do Sul/SC. Naquela mesma oportunidade foram colocados em posição dois canhões, tipo tubo-alma, em homenagem à antiga Bateria de São Francisco, do sécu-

lo XVIII, que também ocupara aquele estratégico local, a Barra do Porto de São Francisco do Sul.

Além disso, o Parque Regional de Manutenção/5 recuperou os quatro canhões fixos localizados naquele morro e com o apoio do Depósito Central de Armamento, que doou algumas peças, instalou na praia uma Bateria de Canhões 152.4 mm Vickers Armstrong, nos mesmos moldes da que existia no tempo da 1ª/5ª Grupo de Artilharia de Costa Motorizado. Todos os canhões realizam salvas aos sábados, às 8 e 18 horas, por ocasião do hasteamento e arriação da Bandeira Nacional.

Acredito que é uma justa homenagem aos artilheiros de costa que, com muito sacrifício, ocuparam aquela fortaleza, desde a sua criação, em 1909.

Sabemos que a inauguração de um museu não é um mero exercício de saudosismo. Temos consciência de que olhar o passado com humildade e respeito é, antes de tudo, valorizar nosso presente. Podemos dizer que é dar sentido ao momento em que vivemos. O que hoje é história, foi presente um dia, assim como o nosso presente vai tornar-se passado. Desconsiderar um é tornar sem sentido o outro.

***E no Comando Militar do Nordeste, poderia V. Exa. também nos apresentar um breve relato sobre as atividades culturais desenvolvidas?***

Ao assumir o Comando Militar do Nordeste, pude constatar a importante e diversificada riqueza cultural daquela imensa área do território nacional e também a grandiosidade de um povo extremamente generoso e orgulhoso de sua Pátria.

Em prosseguimento ao resgate das tradições históricas da Artilharia de Costa, agora em solo nordestino, foi criada e instalada no 7º GAC, Olinda/PE, uma bateria de canhões 152.4 mm Vickers Armstrong.

Da mesma forma, o Comando Militar do Nordeste (CMNE) doou ao Museu Militar Conde de Linhares, Rio de Janeiro/RJ, um raro exemplar de canhão 152.4mm, com rodas de ferro almofadadas, que no passado compusera a bateria sediada no então Terri-

Entronização da Imagem de Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira das tropas luso-brasileiras naquela épica batalha.

Aliás, para nosso júbilo, acolhendo proposta do Comando Militar do Nordeste, o Arcebispo Militar do Brasil decretou como Padroeira das Guarnições Militares do Recife, Jaboatão dos Guararapes e Olinda a Virgem Mãe dos Prazeres e, como tal, venerada no dia 19 de abril.

Cabe destacar a significativa doação ao Forte do Brum, efetuada pelo Instituto Cultural Maurício de Nassau, por orientação da Embaixada do Reino dos Países Baixos no Brasil, de 36 painéis



Gen Juraszek acompanhado do Dr. Frederico Pernambucano de Mello, curador do Museu do Homem do Nordeste

tório de Fernando de Noronha e que estava exposto na frente daquele Grande Comando.

No lugar do canhão doado foi inaugurada, com a presença do Exmo. Sr. General-de-Exército Gleuber Vieira, Comandante do Exército, a notável obra do artista plástico pernambucano Francisco Brennand, intitulada “Monumento às Três Raças”. Acredito ter sido um merecido tributo àqueles que, irmanados na luta contra o invasor de nossa Pátria, nas colinas sagradas dos Montes Guararapes, forjaram o Exército Brasileiro e alicerçaram para sempre a base de nossa nacionalidade.

Também houve um redirecionamento na temática do Museu Militar do Forte do Brum a fim de que o mesmo passasse a acolher um significativo acervo sobre a Insurreição Pernambucana. Dentro desse conceito, foi realizada na capela do Forte a

que colocam em evidência a posição internacional dominante da cartografia neerlandesa no século XVII.

Tal mostra apresenta, passo a passo, a exploração do nosso imenso litoral.

***Tendo sido Comandante Militar do Nordeste, o que V. Exa. vê como a melhor forma de preservação e administração do nosso Parque Histórico de Guararapes?***

O Parque Histórico Nacional dos Guararapes, importante marco na história do Exército e do Brasil, teve, infelizmente, parte de sua área invadida por moradores da região.

Hoje, sua preservação e sua administração, a cargo do 14º Batalhão de Infantaria Motorizada (BIMtz), Jaboatão dos Guararapes/PE, têm sido

muito difíceis, particularmente, por falta de recursos específicos para isso. Acredito que uma solução para preservar aquele recanto histórico seria maior participação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Governo de Pernambuco, da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes e de entidades privadas. Afinal, o Parque Histórico, altar-mor de nossa nacionalidade, é um patrimônio de todos os brasileiros.

### ***O que representa para V. Exa. o Forte do Brum, marco da cidade de Recife, no contexto histórico do Nordeste?***

Sua construção remonta a 1629, quando Matias de Albuquerque foi encarregado pela Coroa Portuguesa de reforçar a defesa do Porto do Recife, por onde escoava a produção açucareira e extrativista da importante e próspera Capitania de Pernambuco.

Essa reformulação da linha de defesa visava a fazer frente às ameaças de invasão por parte dos holandeses da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), conforme notícias provenientes da Metrópole e que se consumariam em 1630.

Com o objetivo de reforçar dois outros fortes já existentes, São Jorge e São Francisco, decidiu-se pela construção de um forte, em local de grande importância estratégica onde uma bateria fora desarmada e abandonada.

O novo forte foi inicialmente planejado com quatro baluartes, tendo a leste, o oceano; a oeste, o Rio Beberibe, próximo ao istmo que liga Olinda às terras baixas na foz dos rios Capibaribe e Beberibe e em frente à barra onde há uma brusca interrupção da linha de arrecifes, sendo, na ocasião, Diogo Paes, encarregado de construí-lo.

Com a consumação da invasão holandesa, em 28 de fevereiro de 1630, os flamengos ocuparam aque-

la posição e instalaram uma bateria que serviu de base de fogos para bombardear os outros fortes, fazendo sucumbir a linha de defesa do Recife.

Reconhecendo sua importância estratégica, aproveitando os alicerces existentes, mas alterando o projeto inicial, os holandeses retomaram a construção do forte, que posteriormente viria a ser conhecido como Forte do Brum.

Em 27 de janeiro de 1654, data da capitulação holandesa, na Campina do Taborda, essa histórica fortaleza, palco de importantes acontecimentos de nossa história, foi retomada pelos luso-brasileiros.

A partir de 1987 o Forte do Brum foi transformado em Museu Militar, acolhendo um precioso acervo, tornando-se, dessa forma, um atrativo turístico e fonte de estudos para pesquisadores, arqueólogos e historiadores.

Hoje, com uma temática voltada para a Insurreição Pernambucana, busca resgatar e preservar cultural e historicamente os importantes papéis desenvolvidos pelos patriarcas do Exército Brasileiro e por tantos outros heróis anônimos que, unidos pelos mesmos ideais de fé e liberdade, lutaram pela reconquista do solo pátrio, dando início a nossa Força Terrestre.

### ***Sendo V. Exa. um pesquisador e conhecedor profundo da vida e da obra de Luiz Gonzaga, nos fale um pouco dos laços do “Pernambucano do Século” com o Exército, e de sua arte tão marcante.***

Luiz Gonzaga foi, sem dúvida, um dos mais importantes personagens da nossa música popular, no século XX. Com sua arte e simplicidade cantou a música nordestina para o Brasil e para o mundo.

Talvez poucos saibam que ele foi soldado do Exército entre 1930 a 1939. Incorporou, como vo-



luntário, no 23º Batalhão de Caçadores (23º BC), Fortaleza/CE, em plena revolução de 1930, com apenas 17 anos de idade.

Graças à sua vocação musical, foi integrado como corneteiro à Banda de Músicos, onde recebeu o carinhoso apelido de “Bico de Aço”.

Posteriormente, foi transferido para o 12º Regimento de Infantaria, sediado àquela época, em Ouro Fino/MG. Era considerado por todos um militar exemplar.

Ao deixar as fileiras do Exército, em 1939, iniciou sua carreira de cantor e compositor na Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Durante sua carreira artística, nas apresentações que fez em todo o Brasil, elogiava o Exército Brasileiro por ser uma escola de vida, local onde aprendeu a ler e escrever e também onde recebeu lições que moldaram e forjaram seu caráter de brasileiro e de cidadão. Sempre citava o Exército Brasileiro como o colégio dos pobres.

Por sua conduta impecável, recebeu inúmeros elogios na caserna. Mais tarde, em 1982, foi agraciado com a Medalha do Pacificador. O Comando Militar do Nordeste prestou-lhe, em 2001, uma homenagem, com uma placa e a réplica da corneta que usou no 23º BC, peças essas que fazem parte do acervo do Museu *Asa Branca*, em sua cidade natal - Exu/PE.

Em resumo, essa é parte da história do cidadão, artista e ex-soldado do Exército Brasileiro, Luiz Gonzaga do Nascimento, o “Bico de Aço”.

***Grande tem sido o apoio de V. Exa. na doação de acervo para os museus militares, como também a recuperação nas unidades militares, visando a preservar a memória do Exército. Qual a opinião de V. Exa. em relação a criação de novos museus regionais, para con-***

***centrar todo esse acervo, e não pulverizá-lo nas organizações militares (OM)?***

O Comandante do Exército expediu uma Diretriz para que todos os comandantes de OM buscassem resgatar a memória de seus quartelamentos e preservar as tradições de nossas unidades. Assim, os quartéis deverão destinar um local para reunir a história de suas edificações.

Por outro lado, já temos o Museu do Exército no Forte de Copacabana e o Museu Militar Conde de Linhares no Rio de Janeiro. Creio que a criação de museus regionais só se justifica em locais onde aconteceram fatos históricos relevantes para o Exército. É o caso, por exemplo, do Museu de Mallet, em Santa Maria/RS e de alguns fortes espalhados por este imenso país.

***Como oficial general, como vê V. Exa. a relação entre o futuro chefe militar e a área cultural?***

Não tenho dúvidas de que nós, chefes militares de hoje, temos a grande responsabilidade de motivar os futuros chefes a dedicarem, cada vez mais, sua atenção para a importante área cultural. Isso, na realidade, já vem sendo feito nos nossos estabelecimentos de ensino, particularmente na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Escola de Sargentos das Armas (EsSA), Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Os jovens militares têm visto, também, o esforço que a Instituição tem dedicado ao resgate e preservação da memória histórica da Força Terrestre e, certamente, cada um contribuirá com significativa parcela para manter vivas a história e as tradições do Exército e, por que não dizer, do Brasil.